

## A FÉNIX E OS TOCADORES DE LIRA

André de Soure Soares\*

(Portugal)

Do palácio apenas restaram as paredes exteriores enegrecidas pelas labaredas e pelo fumo denso. Do museu foram resgatados alguns objectos, testemunhos de processos evolutivos e realizações da acção humana, durante uma operação morosa e delicada que reduziu um pouco a dimensão, indubitavelmente devastadora, da tragédia anunciada. Afinal nem tudo foi reduzido a cinzas, embora a intensidade destas tenha sido causadora de um sufoco agonizante. E triste. Muito. Contudo, quebrou-se a agonia e delas nasceu uma esperança. Uma fénix renascida das cinzas? Esta ave mitológica que encerra em si uma ideia de perenidade e regeneração, o próprio mito que, à semelhança de outros, atravessa épocas e civilizações, desde o Antigo Egipto, passando pela Antiguidade Clássica, na Grécia e Roma Antigas, do Cristianismo perpetua-se pelo Renascimento, com um simbolismo de ressurreição e eternidade.

Será suficiente encararmos “o mito (o nada que é tudo”, nas palavras de Fernando Pessoa) como a regeneração necessária e o cumprimento de um destino incontornável? Creio que a dúvida será legítima. Bem como uma outra: será possível restabelecer confiança (será que alguma vez foi verdadeiramente estabelecida?) nas pessoas e nas instituições que, por incúria, por desleixo, por falta de visão e noção, deixaram que património cultural, em muitos casos único e insubstituível, fundamental na construção da Memória e na afirmação de identidade(s) ficasse reduzido a cinzas? Por um lado, a persistência e resiliência da condição humana face às adversidades e às tragédias. Por outro, um pessimismo prudente que a mesma condição humana vem proporcionar e, em simultâneo, justificar.

O Património Cultural, no seu significado mais contemporâneo e lato, gerador de uma cultura de paz e de coesão entre povos, cuja diversidade e diálogo devem ser factores de desenvolvimento, de criação e criatividade. Reduzi-los, por acção ou omissão, a cinzas é de evitar a todo o custo. A preservação, protecção, salvaguarda e valorização

da herança cultural é missão de todos, uma vez que o património é de todos e para todos, o que não isenta, obviamente, de responsabilidades acrescidas aqueles que estão devidamente mandatados para tais funções.

Aqueles que, num incêndio global, como foi e ainda está a ser esta pandemia, devem ter a consciência para assumir as diversas áreas do sector cultural e criativo como uma das formas de combater as chamas e um dos rescaldos mais recomendáveis. Sem mencionar, à cabeça, as propriedades preventivas. Que as cinzas que se vão acumulando nestes meses sejam, pelo menos em parte, fertilizante para fomentar um ressurgimento, uma mudança que o mundo vem clamando. Há quem mencione uma revolta da Natureza. Outros, uma punição da Providência. Interpretações à parte, indivíduos que assumam de pleno direito a sua condição de cidadãos, seja de cada nacionalidade, seja da Europa, seja na Lusofonia, seja do mundo inteiro, que tenham condições para assumi-lo e praticar a sua cidadania activa. Com liberdade, responsabilidade, com consciencialização de si, dos seus direitos e deveres, com noção do/ e respeito pelo outro, com espírito crítico, com participação construtiva na comunidade.

Com efeito, urge mais e melhor investimento na cultura, na educação e na ciência. No combate a uma pandemia é vital, desde logo, a ciência, uma cultura científica que deve crescer e revestir-se de contornos humanistas. Sem uma interconexão entre estes três campos, tão vastos quanto fundamentais, teremos mais cinzas, daquelas inconsequentes e nada promissoras. Queremos, enquanto o incêndio lavra, ficar a assistir e dedilhar uma lira, como Nero perante Roma em chamas?

O distanciamento social preventivo deverá dar, a seu tempo, lugar a uma maior proximidade real. Se as plataformas digitais e as ferramentas virtuais foram importantes para convivermos e superarmos esta fase, se foram um suporte útil na produção e fruição culturais, em alguns casos factor de inovação, também deverão ser encaradas enquanto complementares de uma vivência presencial insubstituível. De um universo cultural que terá de ser, necessariamente, forte, sob pena de mais incêndios que, mais do que regenerar, destroem e fazem desaparecer para sempre traços de

humanismo e humanidade que não devem, não podem, ser dissociados da condição humana e do seu percurso histórico.

Pessoas, indivíduos, cultos, educados e conscientes que também são cidadãos. Bons intérpretes da realidade múltipla, fluentes numa linguagem universal assente na diversidade, tocadores de lira cientes das harmonias e melodias que se articulam com os restantes elementos da orquestra, que respeitam os seus instrumentos enquanto veículos de comunicação indispensáveis. Com aplausos, se merecidos, com assobios se adequados, mas nunca assobiar para o lado, nem recusar tocar lira por acharmos que não é para nós ou por nos termos furtado a ter formação para tal ao longo da vida.

\* O autor não segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.